

A ILHA DOS MUTILADOS¹

F. Miragaia L.



[6]² O navio percorria mansamente a superfície do mar, a trinta milhas do sul da Escócia.

A marinhagem alegre cantava a toada marítima, amenizando a terrível luta que íamos ter enfrentando o terrível oceano Índico, à cata de um lugar maravilhoso, que somente existia no cérebro do milionário Banks.

As gaivotas trocavam de leve com suas asas o mastro do gigantesco pacote, construído especialmente para tocar na ilha desconhecida.

As últimas torres da Escócia desapareciam lentamente e o sol ao ocaso punha franjas tintas nas águas.

Enquanto a marinhagem se entregava ao árduo serviço de equipamento de bordo, o homem do leme, silencioso e destemido, obedecia à rota traçada pelo mapa do milionário Banks.

Entrei para o beliche, onde encontrei Banks, debruçado sobre o mapa, procurando em vão vestígio da ilha desejada.

¹ MIRAGAIA L., F. A ilha dos mutilados. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 32, p. 6-7; 10; 12-13, 10 ago. 1935.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

— Estamos a oitenta e quatro milhas do sul da Escócia, com a marinhagem completa e um ótimo tempo — disse Banks, levantando os olhos do mapa e olhando pela porta semicerrada.

— Sim, tudo corre às mil maravilhas; temos uma tripulação dedicada e corajosa; espero que chegaremos sem anormalidade ao termo de nossa viagem.

O milionário era um moço de seus vinte e cinco anos; herdara imensa fortuna de seus antepassados e, sequioso de aventuras, se arrojava ao caprichoso oceano à cata de uma ilha que em seus cálculos devia existir a muitas milhas perdida no Índico.

O observador do topo do mastro perscrutava o horizonte, sem encontrar vestígio algum de terra.

Passaram-se muitos dias, sem novidade alguma; mas eis que do lado do ocidente soprava rijo vento e se notava uma pequena nuvem negra, anunciando a tempestade longínqua.

Essa nuvem avolumava-se com grande rapidez e os marinheiros experimentados liam nela uma imensa borrasca.

O vento já era impetuoso e o céu, negro, quando dei ordem para arrear o pano e tomar as providências para lutarmos com a horrenda borrasca, prestes a desencadear.

Os coriscos riscavam o negror do céu e refletiam-se na imensidade das águas; o paquete era um brinquedo das ondas e a marinhagem trabalhava com ardor sob minhas ordens.

Era noite compacta; com o ziguezaguear dos relâmpagos podia-se ver o homem do leme calmo, silencioso, manobrar aquele brinquedo das ondas.

Estas varriam o convés de lado a lado, a voz de comando era dada por porta-voz e as águas revoltas pareciam gigantes de cabeça branca.

No terror daquela noite e no estrondo das ondas, ouviu-se um grito alucinante e o brado:

— Marinheiro ao mar!

Era um da tripulação, que fora varrido pelas ondas. Era um homem de menos na tripulação.

Arreamos âncora, à espera da tremenda borrasca passar.

Foi pouco a pouco moderando até poder-se perceber a poucos passos de distância os nossos destemidos companheiros, que durante o temporal não soltaram sequer uma frase de injúria, um grito de revolta.

Até que enfim pôde o paquete sulcar novamente a superfície das águas sem dano algum e em longas fumaradas deixou o lugar maldito, onde pereceu o mais experimentado da tripulação.

O sol rompeu as negras nuvens e brilhou com grande fulgor, retratando-se no convés molhado pelas águas.

O ar estava ameno, leve; parecia que se estava em plena floresta. O paquete caminhava, lesto, como que preguiçoso; era a bonança bendita que reinava naquele mar antes horrendo.

E aquele paquete silencioso, em águas remotas e desconhecidas, caminhava, parece que sem destino e sem pressa, à procura da ilha maravilhosa, para ter um descanso após tantas lutas com os elementos revoltos.

[7] A marinagem cantava, mas o canto assemelhava-se a uma queixa muda da alma reclamando suas famílias, que longe moravam; seus entes

queridos que ficaram no porto, à espera de sua volta de uma viagem tão arriscada; eis quando o canto foi interrompido pelo observador bradando:

— Navio à vista!

Esta frase tão simples, tão usual, nas rotas conhecidas, causou-nos tão grave impressão e repentino terror, que todos automaticamente olharam em vão para o lado que o observador apontou, largando seus afazeres, com olhos de imenso terror.

Quebrei o silêncio com o brado:

— “Marinheiros a seus postos!

Parece que estes despertaram de um sonho e se puseram novamente em atividade.

Consultei Banks, que não deixou de demonstrar seu terror, pois que navio naquela rota havia de ser contrabandista, ou corsários, que nessa época os havia pelos mares longínquos, assaltando e espalhando a morte.

Após longa conferência, ficou combinado que abandonássemos a rota em que íamos para passarmos despercebido do navio suspeito.

Firmei o binóculo e pude notar que era um imenso veleiro, com suas bandeiras soltas ao vento.

Em seguida, passei o binóculo a Banks, e este, após quinze minutos de espia, me disse num tom de voz apavorante:

— É navio corsário; vejo perfeitamente duas espadas curvadas a estibordo; espere... Vejo também nas bandeiras uma figura cujas formas não distingo; ainda mais, seguem a nossa rota; parece que procuram abordagem. Agora vejo perfeitamente; é uma figura negra, encimada por uma coroa, tendo na mão esquerda uma lança e na... Falta-lhe a direita: esta está decepada.

Não compreendi o significado da figura, mas a essa exclamação percorreu-me o corpo um arrepio de horror e bruscamente tomei o binóculo para observar se de fato o veleiro tomava nossa rota.

O veleiro estava a poucas milhas de distância e via-se perfeitamente o movimento de ataque de bordo; pude somente dizer:

— São malaaios.

E uma imensa detonação ouviu-se, indo o projétil aninhar-se nas águas, a alguns metros do nosso paquete.

Dei o brado de responder fogo; era a encarniçada batalha que se ia travar. Trocamos fogo cinquenta minutos, aproximadamente; diversos de meus companheiros já haviam tombado no convés e o homem do leme teve a cabeça decepada por um estilhaço mortífero.

Incontinente assumi a direção do paquete, enquanto meus companheiros morriam como heróis.

O imenso veleiro negro aproximava-se lentamente, apesar de nosso esforço para não haver abordagem.

Eis o meu espanto, quando noto a tripulação malaia, toda sem camisa, tendo somente um calção cobrindo-lhe o corpo, empunhando com a mão esquerda a adaga recurva, enquanto a direita era decepada tal qual a figura que vinha a estibordo.

Houve abordagem; e houve então, uma cena sangrenta; as adagas recurvas cintilavam aos raios do sol e mergulhavam ora no ventre, ora no peito, ora nas pernas de meus companheiros.

Após renhido combate, caímos prisioneiros, devido ao grande número da tripulação inimiga, apesar de nossa heroica defesa.

Os malaaios ficaram senhores do paquete e o leme girou em outra rota, enquanto os poucos companheiros que restávamos fomos encerrados nos porões, uns sangrando, outros gemendo, com enormes feridas no ventre ou na perna.

O navio negro navegou mais cinco milhas mais ou menos e aportou: fomos retirados dos porões, tendo falecidos mais dois nossos companheiros.

Éramos oito da tripulação.

Fomos conduzidos para o interior de uma ilha, de aspecto suntuoso, notando-se flores de variado [10] matiz e perfeito odor, ervas de cores bizarras, pássaros de diferentes espécies, e casas de granito, com suas paredes brilhantes, que aos raios do sol ofuscavam a vista.

Era a cidade de maior pompa até hoje conhecida: de intervalo a intervalo, atravessávamos colunas e arcos de granitos, com as mesmas figuras com o braço decepado.

Era a cidade horrível dos mutilados: crianças, mulheres e velhos apresentavam o horripilante cepo da mão direita, trabalhando com destreza com a mão esquerda.

Caminhamos diversas horas, notando a mesma pompa e lindos, largos, caudalosos rios de águas cristalinas, grande cultura de arroz, mandioca e diversas manufaturas.

Firpo, o contramestre de bordo, ao atravessarmos uma ponte de águas negras, prevendo que teríamos um fim lúgubre, tentou a fuga precipitando-se pela ponte abaixo. Ficamos muito admirados, pois os que nos escoltavam permaneceram indiferentes àquele fato.

Nosso pasmo durou poucos minutos, pois que a água girou em longos rodamos e enormes mandíbulas surgiram à tona, reinando o silêncio da morte.

Era outro de nossos companheiros que teve o seu fim trágico, sendo devorado pelos crocodilos.

Só então compreendemos que era impossível a nossa fuga, e com um gesto transmiti o meu lúgubre pensamento ao companheiro da esquerda.

E a comitiva mutilada caminhava lentamente pela alameda, que causaria inveja à mais imponente cidade do mundo civilizado.

Ao longo da alameda, um largo portão rangeu nos goncos e entramos para um paço, notando bem ao centro um enorme deus negro entre fumaças e mãos dissecadas. Ali então compreendemos a nossa triste sorte, vendo diversos homens quase negros, pelo ardor do sol, mas que se notava, pelo cabelo, que pertencia à nossa raça. Esses homens conduziam pequenos carros levando homens malaios que ao nosso ver eram grandes senhores daquela ilha encantada, pelo mais alto grau de luxo.

Notei que o olhar de Banks admirou os arredores e, apesar do momento trágico em que nos achávamos, seu rosto exprimiu o comportamento de se achar na ilha por ele tanto sonhada.

Fomos encerrados em um espaçoso recinto, quando o sol baixava lentamente, tingindo de estranhas belezas aquela ilha resplandecente.

Estávamos em completo escuro; não se enxergava um sequer de nossos companheiros. Súbito a porta rangeu e um malaio gigante empunhava na mão direita uma pedra resplandecente que clareou o ambiente.

Ficamos perplexos e sem atinar que qualidade de pedra era aquela que tinha a propriedade de alumiar tão perfeitamente como a luz elétrica.

No dia seguinte, fomos retirados de onde passamos a noite e tivemos plena liberdade de passearmos por diversos recantos daquela ilha que nos encantava os olhos.

Sabíamos, assim como eles, que nos era impossível a fuga e aproveitamos a linda manhã para conhecermos os bosques, os lindos vales, os rios claros e negros, enfim, toda a magnitude da principesca ilha.

Permanecemos muitas horas a admirar tudo aquilo quando nos encaminhamos para o pátio central: ao passarmos por um escarpado rochedo, de porte majestoso, reparamos que uma das pedras do gigantesco rochedo se afastava lentamente por duas mãos que, apesar de rugosas e calejadas, possuíam uma força gigantesca, pois que removia a enorme pedra que servia de porta provisória.

Como estávamos todos reunidos, esperamos o fim daquela nova aventura.

Foi quando surgiu a figura de um velho alto, de longas barbas brancas, de olhos que demonstravam o mais alto grau de caráter dominador, e tendo em suas faces macilentas estampados o sofrimento, as privações.

Ficamos atônitos com aquela aparição; parecia um semideus antigo surgindo do seio das rochas virgens, fazendo-nos sinal para que o acompanhássemos.

Se fosse em outra circunstância, não atenderíamos ao seu chamado; mas sabendo já a sorte que nos aguardava, nos precipitamos pela abertura da rocha, como o náufrago que acha uma tábua de salvação.

Dentro era um túnel imenso a perder-se de vista, tendo aqui e acolá pedras resplandecentes, clareando a tortuosa estrada das entranhas do rochedo.

Enquanto admirávamos o novo espetáculo que se descortinava diante de nossos olhos, ofuscados pela claridade, o velho de longas barbas colocava a porta em seu lugar primitivo.

Só então nos dirigiu a palavra, falando um inglês correto com um [12] sotaque que repercutia em diversos pontos do rochedo.

— Meus compatriotas — disse, em tom solene, o velho — há anos eu e um punhado de bravos nos arrojamos ao medonho oceano, à cata das cobiçadas pérolas, por que, nos mercados londrinos, se pagavam fabulosas quantias; procedemos essa árdua tarefa meses e meses sem termos resultado algum de tão arriscada empresa; a marinhagem já se encontrava em alto grau de desânimo; havia acabado o comestível e então só nos alimentávamos de peixe e farinha, que tínhamos um grande estoque. Sendo Robison, meu imediato, homem de caráter fraco, se aproveitou do desânimo da marinhagem e a levou a uma amotinação, cujo resultado foi a morte de muitos deles, ficando Robison desprezado por todos. Nosso veleiro caminhava sem rota certa, aventurando aqui e acolá a pesca das pérolas.

“Muitos meses se passaram nessa árdua faina, sendo-nos a sorte sempre adversa, quando, sem ninguém notar, surge, parece que do seio do oceano, um imenso veleiro negro, com uma numerosa tripulação aguerrida; era o mesmo fantasma negro e invencível que vos fez prisioneiros. Fomos capturados, muitos mortos, e Robison atirou-se ao mar, sendo sepultado pelas ondas revoltas. Pereceu afogado. Fomos conduzidos para o interior desta ilha, que me assombrou os olhos com tantas maravilhas ocultas do

mundo civilizado. Foi então que ouvi a história desta ilha bárbara. Contou-me um velho moribundo, escravo havia muitos anos destes senhores desapiedados.

“Com frases entrecortadas pela agonia da morte, narrou que fora prisioneiro juntamente com seus companheiros e que todos serviam de escravos a ímpios senhores. Mas, por fatalidade, em uma noite negra, os relâmpagos riscavam o céu de hemisfério a hemisfério, e um raio desprendido das alturas caiu em cheio sobre o deus negro, a divindade adorada pelos malaio, decepando-lhe a mão direita. Tentaram então ligar novamente outra mão em lugar daquela que a faísca comburira; mas, tratando-se de uma matéria a que não pegava fogo, os supersticiosos malaio viram nisso um castigo de sua divindade e acharam que o deus negro estava zangado com eles. Então, para aplacar a cólera do mesmo, resolveram todos sacrificar o braço direito, colocando-o ao lado de seu altar. Todos concordaram com esse sacrifício. ‘Então, como os outros’, prosseguiu, ‘tivemos nosso braço decepado e desde esse dia todos os prisioneiros que aqui caem têm a mesma sorte: ficam sem o braço direito e servem de escravo até que a morte os chame, como agora acontece comigo.’ Com um esforço sobre-humano, continuou: ‘Todos têm a mesma sorte; enquanto não há tempestade os prisioneiros permanecem como visitantes desta ilha majestosa; mas, à primeira borrasca, que nestas paragens são frequentes, os miseráveis ficam aleijados para o resto de sua vida...’ Quis ainda falar; mas somente murmurou frases inarticuladas; a morte já o havia colhido.

“Meus compatriotas”, continuou, então, o desconhecido, “agora, que sabeis a história desta ilha e a sorte que vos espera, deveis saber também quem sou e para que vos chamei até as entranhas deste rochedo. Chamo-

me William Scoth: todos deveis conhecer-me: ‘O William desaparecido’, de quem tanto se ocuparam os jornais de Londres e outros centros de civilização importantes” disse William, com um brilho de orgulho em seus olhos negros, lembrando episódios de sua mocidade.

— Sim, conhecemos — responderam em coro.

— Muito bem — continuou William — há dez anos passados em uma noite de carvão pulverizado, negra como ébano, vi meus companheiros perderem os seus [13] braços; aquilo me causou tão grande impressão e terror que enlouqueci no momento e rompi a imensa cerca de malaaios que com ritmos selvagens apreciavam o sacrifício.

“Atirei-me como doido por entre o negror da noite, derrubando com forte soco o sentinela do portão da entrada e ganhei campo livre; fui perseguido por malaaios e cães de fila, mas a Providência Divina me guiou até estas rochas, e por uma pequena fenda ocultei-me de meus perseguidores. Foi então que empreendi esta árdua obra de salvamento, este imenso túnel pelo qual, com um pouco mais de esforço, veremos a luz da liberdade. Por isso, caros colegas, nos empenhemos com ardor nesta obra que nos dará o fruto da salvação.”

Depois de assim falar, se encaminhou pelo infundo túnel. Acompanhamo-lo com passos incertos cinco horas aproximadamente; chegamos ao fim da obra do sacrifício de quinze anos do bravo William.

— Faltam apenas quinze quilômetros para nos vermos livres desta maldita ilha: o fim deste túnel dará para o lado oposto da mesma, e ali construiremos jangadas, em que, com nosso esforço unido, chegaremos em rota conhecida, para nossa salvação.

Enquanto oito homens lutavam com ardor por sua liberdade, os jornais londrinos publicavam a notícia do desaparecimento do milionário Banks e sua tripulação.

Após um ano de árduo trabalho, romperam enfim a última crasta e então, doidos de alegria, recebemos a luz bendita da liberdade próxima.

Estávamos, como dissera William, do lado oposto da ilha e, com esperança de próximo salvamento, nos atiramos com ardor à construção das enormes jangadas que haviam de conduzir-nos à liberdade.

E depois de muitos dias de incessante atividade, as jangadas deixavam a ilha maravilhosa e maldita, rumo à rota conhecida.

Navegamos sem rumo, mas sempre para longe da ilha mutilada, e já havia fome e sede nos valentes tripulantes das jangadas resistentes.

Passaram-se diversas luas; o sol de manhã clareava o lindo mar azulado e a lua à noite desenhava raios de prata nas azuladas águas.

A fome e a sede já eram insuportáveis nas jangadas e estas corriam já sem governo; todos jaziam estirados à espera da morte, quando, do meio daquele silêncio lúgubre, William, o bravo William, disse, com voz séria:

— Caros compatriotas, com esta insignificante faca, eu vos dou o que comer: não será uma refeição farta, mas vos dará alento para alcançardes salvamento.

Não compreendemos o significado das palavras de William. Mas este continuou:

— Estou velho e já conheci tudo da vida, os prazeres e ainda mais o sofrimento, a vida não me vale mais do que a fome que estáveis com ela; por isso, caros compatriotas, ponde de lado a repugnância, e comi a minha

carne, se vos quereis salvardes, se quereis abraçardes vossos entes queridos.

William, juntando o ato à palavra, ia desferir largo golpe em seu peito amplo, quando se ouviu um brado, que retesou os músculos de William, prestes a desencadear o golpe mortal para salvação de seus companheiros.

— Navio à vista! — Foi uma cena de alegria louca: todos gritavam e saltavam, dando sinais incansáveis àquele monstro que passava despercebido, ao largo.

Ainda uma vez, o bravo William deu prova de grande coragem: imediatamente rasgou sua camisa branca, deu um profundo golpe no braço esquerdo e tingiu em seguida sua camisa de sangue vivo, sacudindo-a por diversas vezes no ar.

Passaram-se minutos de ansiedade. Mas eis que o navio diminuiu a marcha e foram lançadas escales ao mar, e neles se recolheram os oito bravos que subsistiram à malfadada aventura.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

